

COMUNICAÇÃO



Esta seção faz uma análise do Brasil na imprensa internacional, que destacou como principal assunto a greve dos caminhoneiros. Também aborda o posicionamento editorial da imprensa comercial em relação à absolvição da senadora e presidenta do PT, Gleisi Hoffmann, pelo Supremo Tribunal Federal, e o uso do Instagram pelos pré-candidatos.

Greve dos caminhoneiros na imprensa estrangeira

No último período, o assunto que os jornais estrangeiros mais trabalharam sobre o Brasil foi a greve dos caminhoneiros. Essas coberturas, que renderam diversas notícias ofereciam aos seus leitores o acompanhamento do desenrolar dos fatos, mas poucas análises. Algumas questões acabaram sobressaindo em veículos tanto da Europa quanto dos Estados Unidos: a fragilidade do governo de Michel Temer e o apelo que existiu para a intervenção dos militares.

O jornal francês *Le Monde*, por exemplo, entendeu a decisão de Michel Temer de lançar mão dos militares para resolver a crise como um ato autoritário que coloca em evidência a fragilidade de um governo próximo de seu fim e historicamente impopular. O texto ainda afirma que “Temer se mostra incapaz de dialogar com a sociedade e o Exército é seu único recurso”.

O artigo publicado no jornal francês também afirma que a gestão da crise com os caminhoneiros foi fortemente criticada tanto pela direita quanto pela

esquerda. O *Le Monde* tem razão na sua constatação, mas infelizmente não se aprofunda sobre as diferenças entre a esquerda e a direita brasileiras.

Já sobre o ex-presidente da Petrobras Pedro Parente, que pediu demissão, um outro artigo afirma que ele quis gerir a empresa como se ela fosse uma sociedade privada e não mais como um bem do Estado. O periódico traz a opinião da economista Laura Carvalho, identificada como professora da USP, “o governo anterior subvencionou de forma excessiva os preços achando que assim controlaria a inflação, mas a política de Pedro Parente foi no excesso inverso e provocou uma volatilidade extrema”. Novamente, como no período anterior à condução coercitiva do ex-Presidente Lula, os jornais estrangeiros trabalham sem investigar os meandros da política e da sociedade brasileiras.

O jornal estadunidense *New York Times* não se preocupou em analisar a força do governo Michel Temer, mas apontou que a situação gerada pela

greve dos caminhoneiros coloca mais incerteza no cenário político brasileiro, assim como no mercado financeiro, que não consegue traçar o futuro do país. A demissão de Pedro Parente foi relatada pelo jornal indicando que, a partir de então, a incerteza estaria pairando sobre a indústria do petróleo no Brasil. A visão é mercadológica, não se preocupa com o contexto dos cidadãos e ignora informações que já circularam pelas páginas do próprio jornal, como a de que o núcleo patrimonial do Estado brasileiro, o setor energético, estava na mira das ações da Operação Lava Jato.

O jornal britânico *The Guardian* também acompanhou a greve, mas demonstrou mais preocupação com a politização no movimento dos caminhoneiros que pedia “intervenção militar”. O artigo demonstra perplexidade com esse desejo, mesmo que este seja de apenas uma parcela específica da sociedade. Depoimentos de vítimas de torturas são utilizados na reportagem para expressar o horror dos anos sob o comando dos militares. Os documentos revelados pela CIA recentemente – apontando a existência de corrupção e de repressão com o conhecimento da alta cúpula daqueles governos – também foram mencionados. Jornais da Espanha, Portugal, Alemanha e da América Latina também noticiaram os acontecimentos relacionados à greve, mas sem diferenças com relação ao que foi trabalhado por estes jornais.

De maneira geral, o noticiário sobre o Brasil em jornais estrangeiros tem sido bem semelhante. A instabilidade política e a incerteza sobre o que pode ocorrer no país durante o próximo processo eleitoral continua a ser um tema constante. Nesse quesito, sempre surge o nome do ex-Presidente Lula. Os jornais não cravam que Lula seja um político corrupto e também não dizem que ele é vítima de uma injustiça. Nas publicações costumam estar sempre presentes as duas alegações, o que pode ser compreendido como um sinal de que os motivos para a condenação de Lula não convenceram ninguém. No entanto, por enquanto, continua tendo a aprovação do Judiciário.

Difícilmente órgãos de imprensa vão discordar do Poder Judiciário, somente se houvesse uma grande contestação de entidades internacionais de peso.

A página da venezuelana *Telesur* noticiou o resultado da pesquisa de opinião que aponta o ex-Presidente como sendo o pré-candidato com mais capacidade de resolver a crise econômica do país. Em todas as publicações que mencionam o cenário eleitoral sempre se faz menção ao fato de Lula ser o primeiro nas pesquisas. Essa informação sempre vem acompanhada da alegação da defesa: Lula é vítima de uma perseguição política e os seus adversários querem impedi-lo de concorrer no processo eleitoral. Tem sido recorrente porque, em função da Copa do Mundo, a política brasileira ocupa os holofotes da imprensa internacional. Primeiro, pelo próprio Lula. Diversos jornais noticiaram que ele está redigindo suas impressões sobre os jogos e que essas são lidas pelo jornalista José Trajano em um programa veiculado na TVT. Nem todas as publicações são positivas.

Nos jornais franceses, por exemplo, colocou-se em dúvida se Lula está tentando não cair no esquecimento e, para isso, apela a esse tipo de recurso. As perspectivas apresentadas nos jornais *Le Monde* e *Libération* são demasiadamente simplistas e não conseguem abordar a complexidade do momento político do país e de como o “combate à corrupção” tem sido utilizado, ao mesmo tempo, para a implantação de políticas neoliberais e para o apagamento das virtudes das políticas aplicadas pelos governos petistas.

O outro ponto relacionado à Copa do Mundo que tem chamado a atenção dos jornais estrangeiros é a falta de animação dos brasileiros com o torneio e também a falta de vontade de utilizar a camisa amarela. De acordo com as publicações, o brasileiro tem estado mais preocupado com a política do que com o futebol e nem a seleção brasileira foi capaz de reconciliar o país “profundamente dividido”. A pesquisa publicada pelo Instituto Datafolha, que revelou o desinteresse da maioria dos brasileiros pela Copa, é citada em todas as notícias. O último dos pontos sobre o tema que tem gerado reflexões sobre o momento do país é a camiseta da seleção. Jornais dos Estados Unidos e da Europa identificaram que o uniforme se tornou, nos últimos anos, um símbolo político de movimentos de direita e, em função disso, existe um número considerável de pessoas que se recusam a utilizá-lo ou vestem camisetas alternativas.

O caso Gleisi sob a ótica da imprensa comercial

Os principais diários da imprensa comercial publicaram posições divergentes em relação à absolvição da senadora Gleisi Hoffmann pelo Supremo Tribunal Federal, porém, ambos tentaram legitimar a Operação Lava Jato com seus argumentos.

Enquanto o *Estadão* responsabilizou o Ministério Público pela atual indústria de delações premiadas instituída pela Justiça, sem mencionar, contudo que ela tem o objetivo de fazer perseguições políticas, a *Folha de São Paulo* usou a decisão para defender as condenações que apresenta como isentas da Lava Jato. Nenhum veículo, contudo, fez autocrítica em relação ao espaço e apoio que tal procedimento recebeu nos últimos anos da imprensa tradicional.

Em editorial publicado no dia 21 de junho “Apenas delações”, o jornal *O Estado de S.Paulo* alerta que o Ministério Público presta desserviço ao país ao apresentar denúncias com base em apenas delações. “No processo contra a senadora petista, há ainda outro aspecto preocupante. Ao longo de toda a ação penal a PGR não trouxe nenhum elemento probatório além do que já estava na denúncia, ou seja, as informações oriundas de delatores. Tem-se, assim, um trabalho duplamente mal feito: além de apresentar uma acusação fraca, só com delações, a PGR depois nada acrescenta para provar suas acusações, como se o seu trabalho se encerrasse com a denúncia. Não foi feito trabalho de investigação que prestasse para os fins pretendidos.”

O *Estadão* ainda recapitulou o arquivamento recente de um inquérito eleitoral que envolveu o ex-ministro Aloizio Mercadante com base na delação do empreiteiro Ricardo Pessoa. A conclusão do texto é que se multiplicam os casos em que as reputações são destruídas pelo grande estardalhaço em torno de delações que futuramente não se comprovam. O referido estardalhaço, contudo, só ocorre devido à cobertura pouco profissional de veículos como o *Estadão*, que não dão espaço para o contraponto.

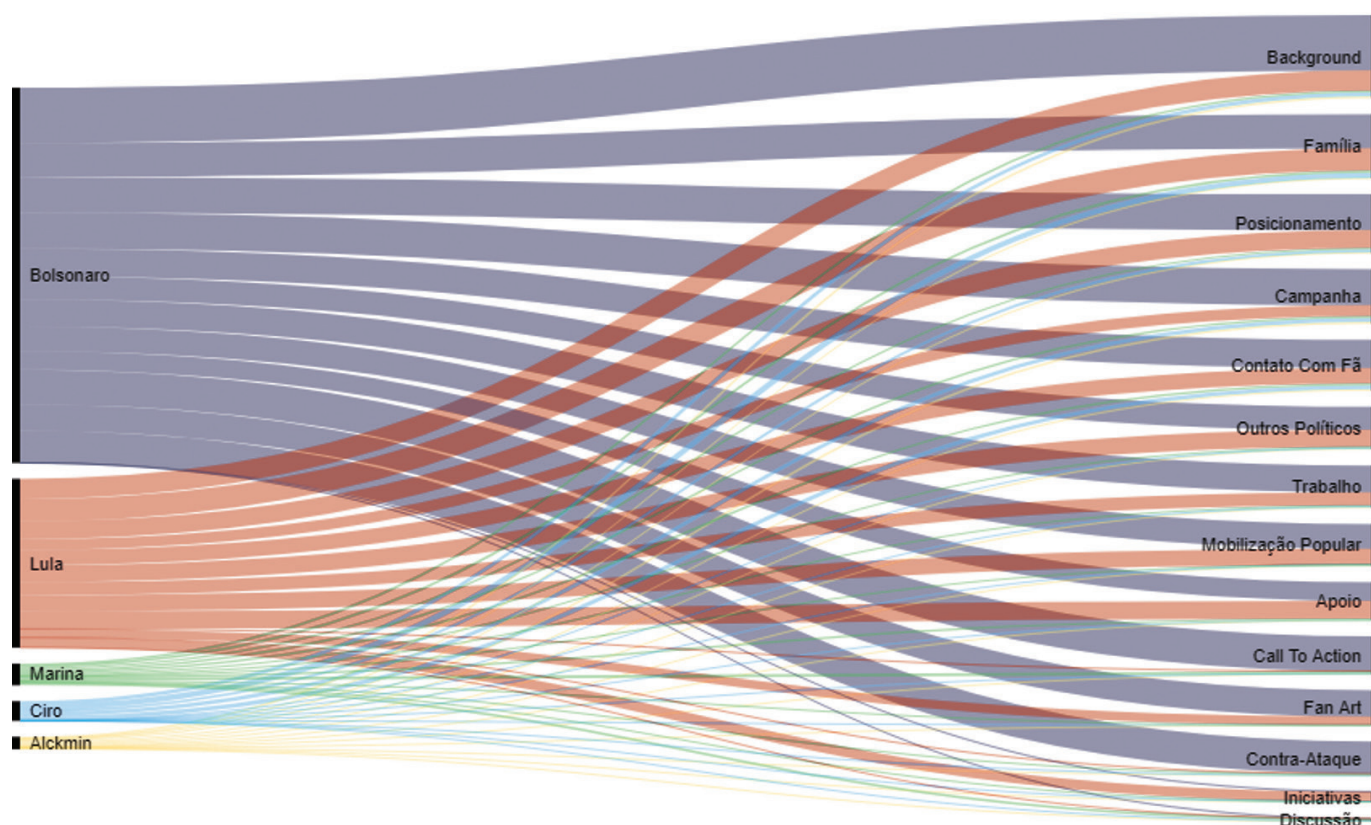
A *Folha de S.Paulo* também publicou um editorial sobre a absolvição de Gleisi, “Delação não basta”, no qual aproveita para defender o Supremo Tribunal Federal e as condenações da Operação Lava Jato. No trecho a seguir, nega a tese de que este tenha condenado sem provas. De acordo com o jornal, em algumas acusações do Ministério Público não houve comprovação, mas o mesmo não ocorre no Supremo: “... não há nenhuma indicação de que o Supremo esteja disposto a condenar sem provas documentais ou indícios decisivos de corrupção. Outros processos contaram com evidências consistentes – e cabe à corte acelerar o exame daqueles que, graças ao foro especial, estão sob sua responsabilidade”, conclui o texto.

Os pré-candidatos à Presidência no Instagram

O Instagram também vem ganhando relevância no cenário político. O pesquisador sueco Kirillilimonov, em extensa investigação sobre o assunto, elencou que tem sido utilizado estrategicamente em campanhas políticas com os objetivos de “disseminar as mensagens das campanhas; ajudar a mobilizar eleitores; gerenciar a imagem do candidato e; amplificar e complementar outros canais”.

Nesse cenário, foi feito o questionamento: como os pré-candidatos à Presidência do Brasil estão se apresentando no Instagram? Assim, passaram por análise as imagens e vídeos publicados em 2018 nos perfis do Instagram dos pré-candidatos à presidência: Lula, Jair Bolsonaro, Marina Silva, Ciro Gomes e Geraldo Alckmin. Posteriormente, foi observado o aparato imagético de cada pré-candidato.

A visualização das imagens publicadas pelos candidatos em rede permitiu identificar os diferentes formatos, enquadramentos e temáticas acionadas em seus perfis. Lula e Ciro Gomes apresentam imagens mais “fotográficas”, enquanto Jair Bolsonaro e Geraldo Alckmin utilizam-se imageticamente de textos para reforçar as suas posições.



No gráfico acima, os pré-candidatos conectam-se com os diversos temas abordados em suas contas: Background, Família, Posicionamento, Campanha, Contato com Fã, Outros Políticos, Trabalho, Mobilização Popular, Apoio, Call To Action, Fan Art, Contra Ataque, Iniciativas e Discussão.

De modo geral, ainda que indiretamente, todos já utilizam a ferramenta para fazer um trabalho de pré-campanha dentro das duas narrativas políticas. Geraldo Alckmin, por exemplo, ao explicitamente anunciar o desejo pelo cargo por meio de hashtags, faz questão de pontuar feitos, realizações e iniciativas – ainda que vagas, incompletas ou inacabadas – enquanto governador de São Paulo. Jair Bolsonaro

e Marina Silva também exploram o Instagram principalmente pelo compartilhamento de fotografias em eventos e colocações relevantes para seus planos de governo. Já Lula aposta numa abordagem mais “humanizadora” da sua figura, utilizando-se principalmente do seu grande apelo (e comoção) popular como combustível para reforçar a sua imagem de “filho do Brasil”.